TRÊS OBRAS DE HISTÓRIA

BASILIO DE MAGALHÃES

II

Abalançou-se o Instituto de Terra de Sol a uma laboriosa empresa, qual é a de reunir em 26 volumes a "História do Ceará", estudando os seis primeiros "o meio físico, o homem e o seu meio social, através de quatro séculos de história" e os restantes "as principais manifestações da vida dos homens que se estabeleceram e se desenvolveram neste recanto da grande pátria brasileira".

O trabalho de que vou sumàriamente ocupar-me é a monografia n. 4, denominada "Protohistória cearense" (1946), devida à pena de Tomás Pompeu Sobrinho, que, já há alguns anos, vem dirigindo o Instituto do seu Estado natal, revelando-se digno continuador do Barão de Studart, em tudo que se relaciona com a nossa heurística. Dele conheço "A indústria pastoril do Ceará", "Merrime — Índios canelas", "Tapuias do nordeste" e "Toponímia cearense". E' um investigador competente e probidoso.

No volume de agora, — que "contém o estudo síntético dos acontecimentos históricos processados no Ceará antes da primeira tentativa de reconhecimento da terra, isto é, antes de 1603" — vêem-se, mais de que tudo, a perícia invulgar e o critério seguido com que o distinto engenheiro analisou e interpretou o considerável número de mapas antigos, por ele manu-

seados para o perfeito acabamento de sua penosa tarefa intelectual.

Na "Introdução", já ele assinalou a singularidade de ser conhecido pelos cartógrafos quinhentistas o nosso litoral nordestino. Pondera, por exemplo, que as costas no Ceará "figuram, admiràvelmente bem debuxadas no mapa pioneiro da América, o célebre planisfério de Juan de la Cosa, composto em Outubro de 1500." E acrescenta: "Com perfeição notável, igualmente aparecem nos famosos mapas da primeira década do século XVI, particularmente bem traçadas nos dois mais interessantes deles, o de Alberto Cantino e o de Juaneto Canerio."

Graças a esses e a outros elementos de que se utilizou, acredita Pompeu Sobrinho haver demonstrado em sua "Protohistória cearense": "1°) que o descobrimento do Brasil pelos espanhóis precedeu ao descobrimento português; 2°) que esse descobrimento se operou nas costas cearenses; 3°) que o local onde abicou a primeira expedição portuguesa de reconhecimento ao Brasil foi a enseada de Curumiquara, município de Anacetaba (ex-São Gonçalo), deste Estado."

O abalisado historiador português Duarte Leite, em seu trabalho intitulado "Descobridores do Brasil" (1931), seguindo a mesma trilha de A. Zeferino Cândido (cuja obra, publicada pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, é de 1900), dá como imaginária a descoberta do Brasil por Vicente Pinzón (páginas 29-48), afirmando, ainda, que Alonso de Hojeda nunca esteve no Brasil" (páginas 49-56) e que "Diogo de Lepe em 1500 não reconheceu terras brasileiras" (págs. 57-63). Tomás Pompeu Sobrinho apenas concorda com o seu confrade lusitano no tocante ao segundo dos citados expedicionários castelhanos, porquanto assim resume a primeira parte da sua "Protohistória cearense": "O Brasil não foi descoberto por Alonso de Hojeda, que nem chegou a transpor a linha equatorial. A frota de Vicente Pinzón, em 1500, cruzou aquela linha e alcançou a costa brasileira na Ponta Grossa, perto do Aracati, no Ceará, em 2 de Fevereiro de 1500. De Ponta Grossa, costeou para o norte, até o golfo de Paria, uma extensão de 595 léguas. Cerca de um mês depois de Pinzón, aportou á costa nordestina, um pouco a

leste da Ponta Grossa, a expedição de Diego de Lepe, e dali seguiu para o sul, descobrindo pequeno trecho de costa e a ponta do Calcanhar, verificando a inflexão do litoral para o sul."

Hesita o historiador cearense quanto ao primeiro europeu que, depois de Diego de Lepe, "tenha perlongado as costas brasileiras ao norte do cabo de São Roque", pois acredita que tanto pode ter sido João Coelho, como Gonçalo Coelho. Mas admite André Gonçalves como "o pioneiro das expedições portuguesas, històricamente bem definidas, para o Brasil." Não obstante isso, que consta das págs. 40 e 41, assim como, mais adiante, da pág. 215, convém seja aceita semelhante asserção com a ressalva que ele próprio deixou exarada às págs. 240-241. Aí, depois de consignar que "estudos modernos tendem a reivindicar o comando para Gaspar de Lemos" (trata-se da primeira expedição exploradora do nosso litoral), obtempera: "continuamos a admitir, como está no texto, o comando de André Gonçalves, sem que, entretanto, ponhamos nisso absoluta convicção". Ainda bem, porque é mais viável tenha sido Gaspar de Lemos aquele a quem coube o reconhecimento oficial das costas do Brasil, em 1502.

A' pág. 127, cogitando do mapa de Gaspar Viegas, aparecido em 1534 e provàvelmente o que serviu para a divisão do Brasil em capitanias hereditárias, Pompeu Sobrinho o atribuiu às informações de Diogo Leite. Sabe-se que este, com as caravelas "Princesa" e "Rosa", da armada dos irmãos Sousas, foi quem, em 1531, por ordem de Martim Afonso explorou o litoral nordestino, tendo chegado até à foz do Gurupi (rio que corre entre o Maranhão e o Pará), a qual, por esse motivo, conservou por algum tempo o topónimo de "abra de Diogo Leite". Mas a carta geográfica de Gaspar Viegas podia bem ter sido traçada por este aqui, em nossas plagas, parecendo-me problemático que Diogo Leite soubesse desenhar ou tivesse tido em mãos o mapa de Maiollo, no período de sua expedição, à qual Varnhagem atribui (embora dubitativamente) o descobrimento e a designação das baías de São José, São Marcos e São João, respectivamente a 19 de Março, 25 de Abril e 24 de Junho de 1531.

Muito curioso tudo quanto disse o autor da "Protohistória

cearense " a propósito de Américo Vespúcio (págs. 212|228). Em alguns dos meus compêndios destinados ao curso ginasial, eu já havia posto em relevo a superioridade do talento do piloto florentino com relação ao nauta genovês, descobridor do Novo-Mundo. Vi agora, com grande satisfação, que Pompeu Sobrinho pensa do mesmo modo. Notei apenas (simples picuinhas) que o historiador cearense, referindo-se aos conterrâneos de Vespúcio que o chamaram primeiramente para Sevilha e depois para Lisboa, acastelhanou o nome de um deles (Juanoto) e preferiu a forma apocopada do outro (Bartolo), isto é, o banqueiro Giannotto Berardi e o armador Bartolomeo Marchione.

Se toda a prometida série da "História do Ceará" for constituída de volumes como este, que acabo de ligeiramente apreciar, muito contribuirá para o exacto e integral conhecimento do como se descobriu a nossa terra e se desenvolveu a nossa civilização.